



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
FACULDADE DE EDUCAÇÃO / DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA**

JULIANA LIMA DE ATAIDE LEANDRO

**A ARTE-EDUCAÇÃO NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL A PARTIR OLHAR DOCENTE**

**RIO DE JANEIRO
2019**

JULIANA LIMA DE ATAIDE LEANDRO

**A ARTE-EDUCAÇÃO NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL A PARTIR DO OLHAR DOCENTE**

Monografia apresentada à
Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio de
Janeiro (UFRJ) como requisito
parcial para a obtenção do
Diploma de Graduação.

Orientadora: Profa. Dr^a. Irene Giambiagi.

**Rio de Janeiro
2019**

JULIANA LIMA DE ATAIDE LEANDRO

**A ARTE-EDUCAÇÃO NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL A PARTIR DO OLHAR DOCENTE**

Monografia apresentada à
Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio de
Janeiro (UFRJ) como requisito
parcial para a obtenção do
Diploma de Graduação.

Aprovada em 20/03/2019

BANCA EXAMINADORA:

Irene Giambiagi (Prof^a Orientadora- FE/UFRJ)

Luciene Cerdas (Prof^a Examinadora- FE/UFRJ)

Silvina Julia Fernández (Prof^a Examinadora- FE/UFRJ)

**Rio de Janeiro
2019**

DEDICATÓRIA

Dedico a presente monografia a Deus, meu pai e Melhor Amigo, que me guiou nessa trajetória acadêmica coberta de desafios, mas sempre com a certeza da vitória. Tudo posso naquele que me fortalece!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a meu Deus por me conceder sabedoria e graça para percorrer essa jornada acadêmica. Tenho a plena certeza de que se não fosse pela sua infinita bondade e fidelidade, eu não teria chegado até aqui.

A minha mãe, Cleonice, que sempre acreditou que eu chegaria a lugares que ela não pôde chegar e que me encorajou a nunca desistir dos meus sonhos. Essa conquista é nossa!

Agradeço a meu pai, Honório, que me cobriu de orações e fortaleceu-me com sua fé e com palavras de carinho e incentivo.

Ao meu marido, Vinícius Leandro, que me deu todo apoio que necessitei para a conquista desse sonho, orando sempre e lembrando-me que tudo é possível ao que crê.

Agradeço todo o apoio recebido por meus irmãos, Daniele, Déborah, Moisés e Giovana que me permitiram compartilhar os conhecimentos que adquiri ao longo da minha trajetória acadêmica. Aos meus sobrinhos Stephany, Gabriel, Isaac e Lucas que me fizeram ter a certeza da minha graduação.

Agradeço a minha amiga e irmã, Mirian por me fazer enxergar a minha vocação.

A minha orientadora, professora Irene Giambiagi, por todo cuidado e dedicação na execução deste projeto.

Sou grata a todos os que se alegraram com a minha conquista desde o início até aqui. Sei que por vocês posso ir muito mais longe e sem vocês seria muito difícil ter conseguido. Obrigada!

*“Bem-aventurado o homem que acha sabedoria, e o homem que adquire conhecimento”.
(Provérbios 3.13- Bíblia Sagrada)*

RESUMO

O objetivo deste trabalho acadêmico é discutir a arte no Ensino Fundamental no Brasil a partir do olhar docente, tomando como recorte uma pesquisa realizada em uma escola municipal localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro. Tal pesquisa buscou compreender de que maneira a arte está inserida no espaço escolar, bem como qual é a formação acadêmica e cultural do professor dos anos iniciais no que tange às suas experiências artísticas. O referencial teórico ligado à arte-educação e à formação cultural docente baseou-se, principalmente, em: Barbosa, Fusari e Ferraz, bem como nas Leis de Diretrizes e Bases de 1971 e 1996 e nos Parâmetros Curriculares Nacionais, de 1997. Para a coleta de dados da pesquisa, foram utilizados os seguintes instrumentos: observação de aulas de arte nas turmas de 2º e 3º ano do Ensino Fundamental durante o ano de 2018 e um questionário estruturado para as professoras pedagogas das turmas observadas. A coleta e análise dos dados possibilitou uma reflexão sobre o espaço geralmente ocupado pela disciplina de arte no contexto escolar da escola pesquisada. Constatou-se também que, apesar da obrigatoriedade conferida por lei para o ensino de arte em todas as escolas do país, não é dada ainda a essa área curricular a devida importância, se comparada com as demais disciplinas do currículo escolar. A arte em geral carece de um trabalho regular, efetivo e com maior valorização, o que envolve, principalmente, uma maior qualificação dos professores não especialistas. Verifica-se então que a obrigatoriedade desse ensino não é suficiente para garantir a qualidade do trabalho com essa disciplina no currículo escolar. Foi possível constatar também que há muito a avançar nesse quesito e que mudanças devem começar pela ação primeira do professor, um dos principais responsáveis pelo êxito ou não do ensino de arte na escola.

Palavras-chave: arte-educação, ensino de arte, formação de professores, currículo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1- BREVE HISTÓRIA DA ARTE-EDUCAÇÃO NO BRASIL.....	12
CAPÍTULO 2- A ARTE-EDUCAÇÃO NA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA.....	16
CAPÍTULO 3- A ARTE-EDUCAÇÃO NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	20
3.1 A formação do professor para a arte	21
3.2 Práticas de ensino com arte: um estudo de caso.....	23
CAPÍTULO 4- A RIQUEZA DE OUVIR AS PROFESSORAS.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32
ANEXO 1 –QUESTIONÁRIO DESTINADO ÀS PROFESSORAS.....	35

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa pretende analisar a importância da disciplina de arte no currículo do ensino básico, tomando-se como recorte um estudo realizado em uma escola municipal na Zona Norte do Rio de Janeiro. Nesse sentido, as discussões aqui realizadas indicam ações de desenvolvimento da arte no espaço escolar e relacionam-nas com uma aprendizagem significativa para os alunos.

A presença da arte nas propostas pedagógicas deve representar um espaço de criação e de participação, um espaço da experiência do sujeito, do brincar, do encantamento. Dessa maneira, seu uso não pode ser apenas como estratégia para o ensino de conteúdo. Ela é a possibilidade de ampliação das condições de acesso das crianças às diferentes produções culturais nacionais e internacionais.

A partir das minhas vivências como estagiária de uma escola da rede municipal, localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro, percebi que as práticas docentes estavam voltadas apenas para os componentes curriculares de Língua Portuguesa e Matemática. Em contrapartida, raros eram os momentos em que as crianças eram estimuladas a utilizar a arte como área de conhecimento. Por esse motivo, creio ser de suma importância analisar a arte-educação nos primeiros anos do Ensino Fundamental a partir do olhar docente, em virtude de poder contribuir para o preenchimento de lacunas que ainda existem quanto ao ensino de arte nas escolas públicas.

Por meio de um questionário destinado às docentes e da observação semanal nas turmas de 2º e 3º anos, analisou-se a metodologia utilizada pelo docente para o ensino da arte na escola pesquisada, verificando-se se tal metodologia tinha como objetivo o incentivo à criatividade, à livre expressão ou se simplesmente se resumia a cópias e reprodução de modelos.

O interesse por este trabalho está em pesquisar os efeitos da arte no processo de aprendizagem da criança, decorrente da minha participação em aulas e em atividades diversas que incluem a arte no contexto do Ensino Fundamental, no período de fevereiro a dezembro de 2018. A problematização gira em torno das contribuições que o ensino de arte pode proporcionar para a

formação dos alunos e a forma como é usada pelos educadores que atuam com essa disciplina. Para tal, os objetivos específicos que nortearam sua elaboração foram: analisar o conceito de arte-educação, observar se as práticas pedagógicas da escola pesquisada estão coerentes com a legislação, verificar quais são as atividades desenvolvidas no cotidiano das crianças que utilizam a arte como conteúdo e descrever as atividades com arte como conteúdo e metodologia no cotidiano escolar da classe observada.

Apesar da LDB estabelecer a obrigatoriedade da disciplina de arte no ensino básico, é importante analisar se existe de fato uma formação adequada para o professor ao abordar esta disciplina.

A arte é uma área de conhecimento que contribui para a formação humana do aluno e que o auxilia a entender de forma crítica a sociedade que o rodeia, bem como as diversas culturas existentes. Portanto, não pode ser vista como uma área menos importante que as demais áreas do conhecimento. Sua existência no currículo contribui para uma formação plena do aluno, pois seu uso não se reduz ao processo educacional. Nesse sentido, o conhecimento na área de arte faz parte do todo na formação do aluno e não permitir o acesso a essa área de conhecimento é negar-lhe o direito de ser formado como cidadão crítico e consciente.

Dessa maneira, a formação do professor é um aspecto de extrema importância no que se refere ao ensino de arte, pois todo o processo poderá ser comprometido, uma vez que o professor não tenha o domínio necessário das intervenções pedagógicas e dos conteúdos a serem desenvolvidos em sala de aula. Assim, a falta de formação adequada do professor pode acarretar em um desestímulo do aluno para com essa área de conhecimento.

A fim de responder ao problema da pesquisa: “Como a arte nos anos iniciais pode ser compreendida como disciplina nas escolas municipais do ponto de vista pedagógico? ”, apresentam-se a seguir, as temáticas a serem tratadas nos respectivos capítulos.

O capítulo 1, Breve história do ensino de arte no Brasil, aborda a inserção da disciplina de arte no ensino básico que passou a fazer parte do currículo escolar em 1971 pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Nacional/LDB, bem como as mudanças que afetaram esse ensino ao longo do tempo.

A seguir, o capítulo 2, A arte-educação na Legislação Brasileira, dialoga com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e com os Parâmetros Curriculares Nacionais de arte, a fim de verificar se as práticas pedagógicas da escola estão em concordância com a legislação.

O capítulo 3, A arte-educação nos primeiros anos do Ensino Fundamental, fomenta uma análise da formação do docente para a arte bem como das suas práticas pedagógicas em sala de aula.

No quarto capítulo foi apresentada uma análise do questionário destinado às docentes. Nesta análise, as respostas das professoras foram comparadas com o referencial teórico, com o intuito de aprofundar as discussões sobre o assunto.

Nas considerações finais apontam-se as reflexões construídas sobre o assunto, bem como as mudanças necessárias no ensino de arte, além do papel que o professor desempenha no processo. As reflexões feitas permitem evidenciar a importância de se trabalhar a arte na escola.

A pesquisa de campo foi realizada no ano de 2018 em uma escola de rede municipal localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro. A escola oferece o primeiro segmento do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) sendo apenas uma classe por ano escolar. Para esta pesquisa, as observações se restringiram às turmas de 2º e 3º ano, em virtude do prazo destinado à observação não possibilitar a investigação em todas as turmas da escola.

Para a pesquisa em questão, de caráter qualitativo, foram utilizadas diversas concepções de autores que analisam o ensino de arte para dialogar e aprofundar entendimentos sobre as observações realizadas nas salas de aula das turmas investigadas.

Para a coleta de dados, a metodologia empregada foi a revisão bibliográfica e a pesquisa de campo. Na revisão bibliográfica foram realizadas leituras de artigos e livros de alguns teóricos sobre o ensino de arte. A pesquisa de campo consistiu em coletar dados do cotidiano de uma escola

municipal, no que se refere a disciplina de arte no ensino fundamental e, para tal, os instrumentos utilizados na pesquisa foram o questionário e a observação de aulas de arte, ministradas por professoras pedagogas.

Tanto as observações quanto o questionário foram de extrema importância para que se pudesse obter conhecimento sobre o lugar ocupado pela disciplina arte no contexto escolar e qual a repercussão de sua prática para os alunos. O questionário foi um ponto importante principalmente porque revelou a concepção de ensino por parte das professoras que participaram da pesquisa. Por sua vez, a observação do contexto da sala de aula no desenvolvimento das atividades forneceu possibilidades de relacionar a teoria e a prática do ensino de arte na escola, ressaltando em que aspectos acontece aproximação ou distanciamento entre ambas.

CAPÍTULO 1 - BREVE HISTÓRIA DA ARTE-EDUCAÇÃO NO BRASIL

O termo arte-educação foi criado na década de 1980 e tem como principal pesquisadora desse campo a arte-educadora Ana Mae Barbosa, que defende a necessidade da compreensão da área no Brasil. De acordo com sua perspectiva, o ensino de arte no Brasil apresentou três grandes tendências conceituais: o ensino de Arte Pré-Modernista, o ensino de Arte Modernista e o ensino de Arte Pós-Modernista.

No período de ensino caracterizado como Arte Pré-Modernista o desenho era concebido como linguagem da técnica e da ciência. Rui Barbosa era o grande representante desse modelo de ensino. Os positivistas brasileiros acreditavam que a arte tinha importância na medida em que contribuía para o estudo da ciência. Dessa maneira, destinava-se a ser um veículo para o desenvolvimento do raciocínio e da racionalização da emoção.

Nesse período, a orientação de ensino de arte como técnica partia de princípios como o da preparação para o mundo do trabalho e o do uso da arte como ferramenta didático-pedagógica para o ensino de disciplinas consideradas mais importantes do currículo escolar.

No ensino de Arte Modernista, o ensino do desenho geométrico foi incluído no currículo, objetivando o desenvolvimento da racionalidade. O interesse pelas teorias expressionistas no Brasil resultou na valorização da arte infantil. Sendo assim, o desenho infantil passou a ser interpretado como a livre expressão da criança, uma representação de um processo mental passível de investigação e interpretação. A partir de 1920 iniciou-se no Brasil, por meio da Escola Nova, o conceito de arte como uma atividade integrativa, uma linguagem capaz de auxiliar na expressão e na fixação dos conteúdos aprendidos nas aulas de geografia e de estudos sociais. Buscava-se a valorização da expressividade e da espontaneidade da criança.

Tal período foi marcado pelos pensamentos de Mario de Andrade¹, que defendia que a arte não deveria ser ensinada, mas sim expressada. Todavia, os métodos utilizados pelos arte-educadores ainda se resumiam, em sua maioria, às cópias e reproduções de modelos.

Somente após a criação da Escolinha de Arte do Brasil por Augusto Rodrigues no Rio de Janeiro, em 1948, passou-se a valorizar mais o desenvolvimento da capacidade criadora. Ou seja, a originalidade passou a ser valorizada como fator primordial do fazer artístico, e defendia-se a ideia de que o aluno deveria produzir seus trabalhos artísticos sem a intervenção do docente.

A matriz da Escolinha de Arte do Brasil era unir arte e educação em um mesmo movimento, garantindo respeito integral à expressão artística das crianças. A concepção da Escolinha de Arte do Brasil visava à quebra das cópias e reproduções de modelos prontos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), lei nº 5692, promulgada em 11 de agosto de 1971, instituiu a obrigatoriedade do ensino de

¹ Mário Raul de Moraes Andrade (1893-1945) foi um escritor brasileiro que exerceu importante papel na consolidação do movimento Modernista no Brasil. Engajado no meio literário e musical, em 1921 integrou a Sociedade de Cultura Artística. Em 1922, coincidindo com a Semana de Arte Moderna, Andrade foi nomeado professor catedrático do Conservatório de Música. Já em 1940, atuou como funcionário do Serviço do Patrimônio Histórico do Ministério da Educação. Realizou trabalhos também como crítico de arte em jornais e revistas.

arte no currículo das escolas então denominadas de 1º e 2º graus. A lei classifica esse ensino em duas modalidades:

1. Disciplinas: áreas do conhecimento com objetivos, conteúdos, metodologias e processo de avaliação específica.
2. Atividades: desenvolvimento de práticas e procedimentos.

Dessa maneira, atribuiu-se à arte não apenas o papel de desenvolver atividades, mas também o de se constituir como disciplina escolar.

No ensino de Arte Pós-Modernista a ênfase estava na própria arte, por considerar que ela era importante por si mesma, por ser um campo de conhecimento específico, com objetivos, conteúdos, métodos de ensino e processo de avaliação da aprendizagem próprios.

A concepção de ensino da arte como conhecimento está baseada no interculturalismo, na interdisciplinaridade e na aprendizagem dos conhecimentos artísticos, a partir da inter-relação da leitura da obra de arte, da criação (fazer artístico) e da contextualização. Essa inter-relação constitui, uma linguagem triangular.

De acordo com essa linguagem, o arte-educador precisa convidar seu aluno a se exercitar nas práticas de aprender a ver, observar, atuar e refletir sobre elas, sendo papel da escola incluir informações sobre a arte produzida nos âmbitos regional, nacional e internacional para democratizar o conhecimento e ampliar as possibilidades de participação social do estudante.

Dessa maneira, pode-se dizer que o marco revolucionário no campo da arte-educação no Brasil foi em 1922 com a Semana da Arte Moderna. A preocupação com o ensino da arte no país passou a ser a sua implementação nas escolas primárias e secundárias, baseando-se nas ideias de Rui Barbosa, que estavam presentes nos projetos de reforma do ensino de século XIX, como aponta Barbosa (2012). Ou seja, a arte era utilizada apenas como base para a escrita, em uma inter-relação complementar.

No artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei nº 9394/96), observa-se no segundo parágrafo que *a educação escolar deverá*

vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social, reforçando-se que a educação escolar desde sua criação objetivava não apenas a socialização do sujeito, mas também sua formação para o mundo do trabalho.

Passa-se a considerar a partir da LDB o ensino de arte como componente curricular obrigatório no Ensino Fundamental. Dessa maneira, ficou estabelecido que a arte na escola devia *promover o desenvolvimento cultural dos alunos* (art. 26, §2º), de modo que os estudos sobre a imagem, o som, o movimento e da percepção estética fossem valorizados.

Dialogando com o pensamento da obrigatoriedade da arte nas escolas e levando-se em consideração os estudos sobre a forma como ela continua a ser ensinada nas escolas municipais do Rio de Janeiro em pleno século XXI, podemos mencionar que mesmo que avanços significativos tenham sido obtidos em relação à amplitude das diferentes linguagens artísticas, ainda assim tais linguagens nem sempre podem ser distinguidas quando ministradas nessas escolas.

Nesse sentido, e de acordo com a visão de Albano, é importante destacar

“o reconhecimento da arte como linguagem, como uma forma de representação e expressão, que opera por meio de cores, formas, linhas e volumes, gestos e sons para criar imagens. Uma forma de comunicação que serve para dizer o que as palavras não dizem” (ALBANO, 2007, p.87).

O que pode ser percebido ainda hoje é que a arte-educação nas escolas se restringe ora aos momentos festivos da instituição ora como preenchimento do tempo “ocioso” das crianças, e ainda, que o desenho continua como forte marcador dessas aulas, como se somente ele fosse suficiente para significar a arte. Observou-se também que há uma grande percepção, por parte dos docentes da escola observada, que a arte deve ser ensinada, mas não apreciada e experimentada.

A arte busca proporcionar experiências que devem ser vivenciadas por cada sujeito em particular, e essas experiências não podem ser transferidas. Dessa forma, é possível compreender que a arte não deve ser usada apenas como estratégia para o ensino de conteúdo das demais disciplinas. Ela é a possibilidade de ampliação das condições de acesso das crianças às diferentes produções culturais. Ou seja, a arte deve ser percebida como uma manifestação humana que nos contempla e nos desperta para a apreciação estética, que envolve a emoção, a experiência e a essência.

Nesse sentido, concordo com a afirmação de Barbosa, que afirma que:

“Arte não é apenas básico, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. Como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano” (BARBOSA, 1999, p. 43).

CAPÍTULO 2 - A ARTE-EDUCAÇÃO NA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA

A escola é o espaço destinado à aprendizagem do aluno, ao planejamento, à produção e execução de trabalhos voltados para o desenvolvimento satisfatório das atividades educacionais. Ela estabelece suas metas gerais e específicas, por meio de uma proposta pedagógica, visando ao sucesso escolar dos alunos.

É função da escola incitar de diferentes formas as habilidades e as competências de seus alunos, de modo a estimular a aprendizagem. Entre as habilidades e as competências que devem ser observadas pelos professores nos alunos, estão as de cunho artístico.

Quando pensamos a escola, não podemos nos restringir apenas à denominação do seu espaço físico, mas a todo um aparato técnico e

pedagógico proporcionado por sua comunidade, que é composta de professores, coordenador pedagógico, diretor, alunos e todos os atores que a fazem funcionar.

No ano 1997 foram publicados os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte – PCNs/arte, pela Secretaria de Ensino Fundamental do Ministério da Educação. Este é um documento que contribui de maneira importante para o ensino da arte. Não se trata de uma proposta metodológica, mas de um conjunto de orientações para o trabalho pedagógico nas escolas públicas, visando a tornar não só o aluno autônomo, mas também o professor. Os PCNs conceituam o ensino da arte como campo de conhecimento tão importante como os demais. Com ênfase na aprendizagem, definem-se nos PCNs: objetivos, conteúdos, critérios de avaliação e orientações didáticas. Na apresentação do documento expõe-se o que o ensino dessa disciplina pode favorecer:

“A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve, também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas” (BRASIL, 1997, p.15).

Os PCNs devem auxiliar o professor em sua prática docente, pois constituem um referencial para seu planejamento. Sendo assim, os PCNs visam a propor uma educação em arte que valorize as práticas do apreciar, produzir e contextualizar, no sentido de nortear um ensino de qualidade.

Diante disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (*idem*), logo na apresentação da proposta do volume 6, no que tange aos anos iniciais do Ensino Fundamental, destinado à área curricular arte, enfatizam que *a educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação.*

Pensar uma educação em arte é, antes de tudo, idealizar uma educação que propicie ao aluno a chance de poder desenvolver seu potencial de criação, de produção, de execução de suas atividades. Nesse momento, a escola representaria uma espécie de elo entre o que a sociedade propaga e o que o aluno necessita desenvolver.

A escola é o espaço das discussões sobre direitos e deveres, e de reflexão da realidade. É também a dimensão social das manifestações artísticas, que constitui uma das funções importantes do ensino de arte, como propagado nos PCNs. O estudante aprende por meio da arte, por exemplo, que existem povos, costumes, religiões, modos de produção e criação diferentes dos dele, elementos que o ajudam a compreender melhor o outro para uma convivência com as diferenças, contribuindo assim para uma conscientização de preservação dos patrimônios culturais, ambientais e o respeito pela diversidade.

Em 1971, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, lei nº 5.692) que institui o ensino profissionalizante, incluiu a arte como educação artística no currículo escolar. A arte, nesse momento, era concebida como uma atividade educativa, não como uma matéria. Mesmo assim, percebia-se um avanço considerável, pois ela passou a fazer parte do ambiente escolar. Contudo, o desenvolvimento efetivo da educação artística nas escolas deixou muito a desejar, visto que havia falta de professores com formação específica dentro da maioria das escolas.

Em 1988, durante as discussões sobre a promulgação da Constituição Federal do Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, que seria sancionada apenas em 20 de dezembro de 1996, mais uma vez, o ensino

de arte foi alvo de críticas e manifestações. Uma das versões do novo documento legal apresentava a proposta da não obrigatoriedade da arte nos currículos escolares. Com a Lei nº 9.394/96, a arte passa a ser considerada área obrigatória na Educação Básica. O segundo parágrafo do artigo 26 é claro ao estabelecer que *o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.*

O supracitado artigo da LDB, em vigência desde 1996, torna obrigatório o ensino da arte na Educação Básica; contudo, a situação, em termos de condições mínimas para que a legislação seja de fato cumprida, ainda constitui um grande obstáculo na maioria das unidades escolares do país.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, relativos aos ciclos 1 e 2 da Educação Básica apresentam, no volume 6, discussões pedagógicas para esse campo de ensino. Afinal, qual é o lugar da arte nas escolas? Existe esse lugar? Sabe-se que as atividades artísticas geralmente aparecem no desenvolvimento das atividades escolares, como aquela oferecida desde o ensino pré-escolar até o ensino médio: apoio às demais disciplinas no processo ensino-aprendizagem, mas pouca relevância é dada às suas linguagens e às formas com as quais cada uma dessas manifestações se apresenta no campo escolar.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais estabelecem no mencionado volume 6 que o estudo da área curricular arte se divida em: música, artes visuais, teatro e dança. Pretende-se, desse modo, por exemplo, que as atividades desenvolvidas possibilitem aos alunos a percepção de que mesmo ao realizarem uma dramatização ao final de um projeto pedagógico trabalhado durante um certo período, essa atividade tem relações com a música, que, por sua vez, tem também suas especificidades. Ainda de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, vale a pena destacar que

“A educação em artes visuais requer trabalho continuamente informado sobre os conteúdos e experiências relacionados aos materiais, às técnicas e às formas visuais de diversos momentos da história, inclusive contemporâneos. Para tanto a escola deve

colaborar para que os alunos passem por um conjunto amplo de experiências de aprender e criar, articulando percepções, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística, pessoal e grupal” (BRASIL, 1997, p.61).

Em virtude do professor dos anos iniciais não ter a princípio uma formação específica na área de arte, nos PCNs não há diferenciação dos conteúdos por ciclo, ou série. Sendo assim, cabe ao professor promover uma variação nas modalidades artísticas a serem trabalhadas.

Fusari e Ferraz, ao tratarem sobre a seleção de conteúdos em arte e, principalmente, da postura do professor, evidenciam que:

“Para desenvolver um bom trabalho de arte o professor precisa descobrir quais são os interesses, vivências, linguagens, modos de conhecimento de arte e práticas de vida de seus alunos” (FUSARI & FERRAZ 1999, p. 69).

Ao descobrir qual é o lugar da arte ocupado na vida dos seus alunos, o docente terá a base da construção dos pilares para uma educação em arte. Compartilhando com a perspectiva das referidas autoras, acredito que esses pilares são imprescindíveis para a prática pedagógica.

CAPÍTULO 3 - A ARTE-EDUCAÇÃO NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Diversos estudos sobre arte ao longo dos anos foram desenvolvidos na perspectiva de estabelecer a importância de sua intervenção na formação docente. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei nº 9.394/96) reconhece a importância de sua inclusão como componente curricular obrigatório da Educação Básica. Desse modo, a arte deixa de ter um papel secundário na educação de crianças, jovens e adultos e passa a integrar o currículo escolar.

Pensando na importância das linguagens artísticas para o desenvolvimento da criança, pretende-se analisar neste capítulo o papel do professor como mediador de experiências transformadoras ao promover na criança a construção do conhecimento, bem como oportunizar o domínio das linguagens artísticas (tais como música, teatro, dança e artes visuais), ampliando seu desenvolvimento com o mundo que a rodeia.

Inserir as linguagens artísticas na educação escolar é acreditar na possibilidade de orientar o professor não especialista a realizar um trabalho efetivo e assumir integralmente a importância dessas linguagens, realizando atividades que possibilitem a construção e a ampliação do conhecimento artístico dos alunos.

3.1 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR PARA A ARTE

A formação do professor é um aspecto de extrema importância no que se refere ao ensino de arte, pois é importante que o professor tenha o domínio necessário das intervenções pedagógicas e dos conteúdos a serem desenvolvidos em sala de aula, a fim de que todo o processo de ensino-aprendizagem ocorra de forma efetiva. Assim, a falta de formação do professor conduz a aulas que não despertam o interesse do aluno, e este, por sua vez, não consegue construir o sentido do ensino de arte para sua vida.

A vivência artística é necessária para a formação do pedagogo e para a sua prática docente, pois essa formação fomenta a sua inserção nos planejamentos de maneira consciente e de forma significativa. Ou seja, as experiências iniciadas no campo da arte têm grande relevância para o pedagogo, pois repercutirá em sua prática futura.

As experiências de cunho artístico proporcionadas aos alunos são realmente capazes de gerar reflexões, seja do passado ou do presente, basta possibilitar-lhes que tenham o direito de apreciar todas as dimensões estéticas presentes no mundo que os cerca. Dessa maneira, o professor-pedagogo tem importante papel para tornar essas experiências possíveis na vida de seus

alunos. Para isso, torna-se necessário que haja uma formação eficaz que o contemple com a arte. O pedagogo não precisa necessariamente especializar-se em alguma linguagem artística, porém, é necessário para ele, como professor e como mediador de conhecimento, buscar esse conhecimento nos espaços culturais e científicos, a fim de ter uma ampla formação cultural, rica e variada, que lhe permita mobilizar processos de experiência com a arte.

É muito importante que o professor de arte saiba o valor que tem o ensino sobre sua formação e a do próprio aluno, porque dessa maneira pode evitar que ocorram práticas descontextualizadas e sem construção de sentidos. Dessa maneira, a proposta de aula do professor de arte deve ter por objetivo uma aprendizagem significativa para os alunos, visando a estimular neles sua capacidade criativa, principalmente no fazer artístico e na reflexão sobre o processo de produção em arte. Sobre o objetivo de se apreciar arte na escola, Barbosa afirma:

“Sabemos que a arte na escola não tem como objetivo formar artistas, assim como a matemática não tem como objetivo formar matemáticos, embora artistas, matemáticos e escritores devam ser igualmente bem-vindos numa sociedade desenvolvida. O que a arte na escola principalmente pretende é formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte” (BARBOSA & CUNHA, 2010, p.32).

A ação pedagógica do professor que preza pelas referidas questões apresentadas por Barbosa contribui para a valorização do ensino de arte e sua legitimidade, que bem supera, como procurarei apontar, a simples noção de obrigatoriedade.

No que diz respeito ainda à importância da formação do professor de arte, Fusari e Ferraz salientam que sua ação é uma das mais responsáveis pelo sucesso da arte-educação no ambiente escolar, ajudando o aluno no desenvolvimento de suas sensibilidades e no acesso a conhecimentos sobre arte em sua teoria e prática:

“Os estudantes têm o direito de contar com professores que estudem e saibam arte vinculada à vida pessoal, regional, nacional e internacional. Ao mesmo tempo, o professor de arte precisa saber o alcance de sua ação profissional, ou seja, saber que pode concorrer para que seus alunos também elaborem uma cultura estética e artística que expresse com clareza a sua vida na sociedade” (FUSARI & FERRAZ, 2001, p.53).

Por isso, é importante uma formação sólida e contínua do professor de arte para a formação de sua identidade profissional, com estudos aprofundados e novos conhecimentos, e buscando conteúdos que sejam fundamentais para formação dos alunos, que esse profissional estará melhor formado para superar os desafios do seu trabalho, permitindo-lhes uma aprendizagem significativa.

3.2 PRÁTICAS DE ENSINO COM ARTE: UM ESTUDO DE CASO

Nas observações realizadas, raros foram os momentos em que pude presenciar as docentes realizarem alguma atividade artística, pois o foco do ensino estava geralmente voltado para atividades de Língua Portuguesa e Matemática.

A professora do 2º ano realizou com a turma uma atividade de releitura da obra de “A Noite Estrelada”, de Van Gogh, solicitando aos alunos que recriassem a obra a partir de figuras geométricas que ela já havia levado e entregue aos alunos recortadas.

Pude presenciar durante o período de observação na turma do 3º ano uma atividade de releitura da obra “Operários”, de Tarsila do Amaral. Para essa atividade, a professora regente levou imagens com fotos dos presidentes de diversos países. Os alunos precisaram, inicialmente encontrar fotos dos presidentes do Brasil; depois, tinham que colá-las em uma cartolina. Com essa

atividade, a professora pretendia que os alunos ampliassem seus conhecimentos históricos. Ela aproveitou para apresentar-lhes outras obras da artista Tarsila do Amaral, como “Abaporu”, “A Negra” e “A Cuca”.

As aulas de arte muitas vezes eram utilizadas para que as crianças preparassem algum material para as datas comemorativas, tais como Carnaval, Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia das Crianças e Natal. Pude constatar que, para as atividades propostas para essas ocasiões, as professoras levavam um modelo para os alunos copiarem. Observei que, na confecção da máscara de Carnaval, por exemplo, os alunos tentavam copiar os modelos levados pelas docentes. Analisando a experiência vivida, não me parece que atividades como as relatadas constituam um estímulo à criatividade.

Com relação às atividades voltadas para a linguagem teatral, alguns dos alunos do 3º ano fizeram uma peça com os personagens do Sítio do Picapau Amarelo para a Semana da Criança na escola, em comemoração ao Dia da Criança (12 de outubro). Ressalto que a escolha pelo tema da peça foi feita em virtude da temática escolhida para o ano de 2018 no projeto pedagógico da escola.

Ao observar uma das aulas de arte do 2º ano, pude perceber a ausência de planejamento. Vale ressaltar a importância do planejamento pedagógico das aulas para o professor, de modo que seja explícita a intencionalidade das atividades propostas. É necessário que o professor tenha clareza do que pretende com o conteúdo escolhido, quais são os objetivos a serem alcançados e que reflita sobre o tipo de formação que está oferecendo aos alunos. Libâneo discorre sobre essa questão do planejamento, ao afirmar que

“O planejamento consiste numa atividade de previsão da ação a ser realizada, implicando definição de necessidades a atender, objetivos a atingir dentro das possibilidades, procedimentos e recursos a serem empregados, tempo de execução e formas de avaliação. O processo e o exercício de planejar referem-se a uma antecipação da prática, de modo a prever e

programar as ações e os resultados desejados, constituindo-se numa atividade necessária à tomada de decisões” (LIBÂNEO, 2001, p. 123).

Considero importante que o docente estimule o aluno a entender a arte como uma forma de auto-expressão e manifestação dos seus sentimentos, o que o auxiliará de maneira positiva em suas produções artísticas. É necessário que o professor contribua para que a arte na escola seja lecionada de forma que o aluno desenvolva um olhar mais sensível e crítico sobre esse campo do conhecimento.

CAPÍTULO 4 – A RIQUEZA DE OUVIR AS PROFESSORAS

A pesquisa de campo foi realizada no período de fevereiro a dezembro de 2018 em uma escola de rede municipal de ensino localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro. A escola oferece o primeiro segmento do ensino fundamental (1º ao 5º ano) e tem apenas uma classe por segmento. As aulas de arte eram ministradas por professoras pedagogas e ocorrem uma vez por semana, com duração de 50 minutos.

Em virtude do prazo destinado a esta pesquisa não me permitir coletar dados em todas as turmas da escola pesquisada para discutir sobre como a arte vem sendo trabalhada na escola municipal, optei por observar uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental e outra do 3º ano do Ensino Fundamental, com total apoio destas, da direção e da coordenação. Como metodologia para a coleta de dados sobre a arte-educação na escola, formulei um questionário (anexo 1) com cinco questões (quatro dissertativas e uma objetiva), respondido prontamente pelas docentes das turmas observadas.

A professora do 2º ano tem 35 anos e é graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Ela atua como docente há 9 anos; apesar de não ser especialista, iniciou sua vida profissional dando aulas de arte em uma escola da rede privada.

Já a professora do 3º ano tem 29 anos e também é graduada em Pedagogia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ela está no magistério há 4 anos. Em uma conversa na sala dos professores no período de observação, a docente relatou que ministrou suas primeiras aulas de arte ao ingressar na escola pesquisada. Mencionou ainda ter dificuldades em trabalhar a disciplina na escola, principalmente pela falta de materiais necessários para realizar atividades como pintura e recorte e colagem. Outra dificuldade relatada pela docente é o fato de não haver na escola um auditório ou mesmo uma sala vazia para se trabalhar fora do ambiente de sala de aula.

Nos primeiros momentos de observação das aulas da turma do 3º ano, a professora mencionou que a falta de formação adequada a impede de realizar atividades mais eficazes, pois a faculdade oferecia apenas duas disciplinas voltadas para a educação artística; mesmo assim, relatou que serem aulas mais teóricas.

A professora do 2º ano afirmou que compreende a necessidade de uma busca pelo conhecimento nos espaços artísticos para melhor formação dos seus alunos que, por serem em sua maioria de classe baixa, não costumam ir a espaços culturais que estimulam a formação artística das crianças. Relatou também que em seu primeiro ano como docente da escola pesquisada, chegou a propor algumas visitas a museus, porém nenhuma delas foi realizada em virtude da necessidade de transporte da prefeitura, para locomoção, que nunca foi disponibilizado.

Por meio da análise dos questionários respondidos pelas professoras da escola observada, foi possível obter relatos preciosos a respeito da maneira como a disciplina de arte vem sendo trabalhada na escola observada.

Na primeira pergunta, foi abordado qual era o propósito de se ensinar arte. A docente do 2º ano respondeu:

“Proporcionar ao meu aluno um olhar crítico do que é a arte”.

Já a do 3º ano informou que o objetivo era:

“Possibilitar uma ampliação do conhecimento de meus alunos”.

Com relação às respostas das docentes, Fusari e Ferraz afirmam que

“Se pretendemos contribuir para a formação de cidadãos conhecedores da arte e para a melhoria da qualidade da educação escolar artística e estética, é preciso que organizemos nossas propostas de tal modo que a arte esteja presente nas aulas de arte e se mostre significativa na vida das crianças e jovens” (FUSARI & FERRAZ, 1999, p.15).

A segunda questão abordava as seguintes perguntas: você tem condições favoráveis de espaço e materiais para o desenvolvimento de suas aulas? Na escola em que trabalha, há alguma sala específica para a disciplina de arte? Se há, como é este espaço? Considera que seja adequado?

Em resposta a essa questão, a professora do 2º ano informou que, além de não ter uma sala de aula adequada para as atividades artísticas, o espaço da sua sala de aula é pequeno para a quantidade de alunos que o compõem. Sendo assim, como não sobra espaço para as atividades como teatro e dança, a professora só trabalha com as crianças sentadas. Seu trabalho consiste, principalmente, na releitura de obras de arte de artistas nacionais.

A professora do 3º ano respondeu que na escola não há espaço e nem materiais favoráveis para atuação com essa disciplina. Informou também não haver uma sala específica para as aulas de arte. Ainda de acordo com a docente, ter um espaço apropriado para a realização de atividades práticas no ensino de arte é algo distante da realidade da escola pública. Quando acontece uma aula mais elaborada com práticas de experimentação, a sala de aula é desconfigurada para o desenvolvimento dessas atividades. “Geralmente temos que usar outros espaços ou a parte externa da escola, como o pátio, o refeitório ou outros ambientes”, ponderou a professora.

Frente a essa realidade, pode-se perceber que fica difícil para o docente cumprir as indicações do fazer artístico com a qualidade concebida nos Parâmetros Curriculares Nacionais/arte:

“A educação em arte requer trabalho continuamente informado sobre os conteúdos e experiências relacionados aos materiais, às técnicas e às formas visuais de diversos momentos da história, inclusive contemporâneos. Para tanto a escola deve colaborar para que os alunos passem por um conjunto amplo de experiências de aprender e criar, articulando percepções, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística, pessoal e grupal” (BRASIL, 1997, p.61).

A terceira questão buscou avaliar se as docentes consideravam importante a inserção da disciplina de arte no currículo da Educação Básica. Ambas responderam que sim. A professora do 2º ano respondeu ainda que se a disciplina de arte não constasse como obrigatória no currículo, dificilmente os professores dariam arte para os seus alunos, mesmo sabendo de sua importância.

Ainda sobre a questão número 3, a professora do 3º ano informou que também acreditava que era de extrema importância que se acrescentasse a obrigatoriedade de um espaço apropriado para as aulas de arte nas escolas, e que lhe parecia interessante e mais rico para os alunos que essas aulas fossem ministradas por um professor especialista.

Na quarta questão buscou-se verificar se as docentes encontravam alguma dificuldade para ensinar arte para seus alunos.

Em resposta a essa questão a professora do 2º ano mencionou que sua maior dificuldade era fazer um trabalho contínuo com os conteúdos ministrados nas aulas, em virtude de muitas vezes não conseguir planejá-las como gostaria.

A professora do 3º ano relatou que sua maior dificuldade era que ela não se considerava muito habilidosa. Dessa forma, muitas vezes recorria a alguma atividade pronta (desenho) que encontrava em livros e/ou na internet.

A quinta e última pergunta era objetiva e buscava saber se a escola pesquisada investia em algum tipo de formação dos professores na área de conhecimento de arte. Ambas as docentes marcaram a alternativa cuja resposta era “não”.

Por fim, ao observar durante alguns meses as aulas de arte na escola em questão e após ter tido a oportunidade de acompanhar o desenvolvimento dessa disciplina no espaço escolar, constatei como a atuação das docentes se distancia da proposta sistematizada por Barbosa e Cunha (2010), que defendem que o ensino de arte seja garantido no currículo escolar, principalmente pela ação do professor. Percebe-se que a obrigatoriedade desse ensino não é suficiente para que a arte seja realmente ministrada na escola. Dessa forma, cabe ao professor buscar meios para que o ensino de arte aconteça de forma efetiva na sala de aula, de modo a cumprir os objetivos de criar, apreciar e contextualizar produções artísticas, conforme propõem Barbosa e Cunha (*idem*) na abordagem triangular no ensino da arte, já abordada no capítulo 1.

Sendo assim, formação para a arte deve ser repensada, pois a docência está intimamente ligada ao ato de ensinar, uma vez que o professor exerce a docência no realiza processo de ensino-aprendizagem, sendo seu trabalho uma ação educativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa monográfica procurou abordar questões que precisam ser discutidas a respeito da formação cultural dos professores atuantes no Ensino Fundamental do sistema público de ensino, como também no que se refere à formação cultural dos alunos.

A história do ensino de arte no Brasil está intrinsecamente ligada às três tendências pedagógicas: Arte Pré-Modernista, Arte Modernista e Arte Pós-Modernista, as quais traduzem uma preocupação especial no que tange à

formação profissional dos alunos, fortemente influenciados pelas demandas oriundas do mercado de trabalho.

A pedagogia histórico-crítica aponta para a discussão da necessidade do professor sempre acompanhar as mudanças da sociedade, para que possa melhor intervir nesta por meio da educação. No entanto, apenas acompanhar as mudanças não é, a meu ver, ainda satisfatório, visto que o professor deve ter metas a serem alcançadas, e estas estão ligadas à aprendizagem do aluno.

A partir do exposto, vale sugerir que se repense o ensino de arte e tudo o que ele pode proporcionar em termos de reparos e perdas na educação, em especial na educação pública.

Para promover a ressignificação do Ensino de arte é necessário, antes, promover mudanças na forma que o currículo é proposto dentro das escolas. Para tanto, deve-se buscar uma aprendizagem na qual o aluno considere o objeto de estudo algo significativo e importante para a sua vida, experimentando aprendizagens significativas para ele, de modo que possa intervir de forma crítica e consciente nos diferentes espaços sociais em que interage, posicionando-se diante do que vivencia, do que vê, do que sente e do que lhe é imposto.

Repensar o currículo que atualmente é posto em prática é uma tarefa árdua, mas com uma formação adequada e específica para o docente trabalhar com a disciplina de arte, não só torna possível alcançar os objetivos propostos nos PCNs para essa disciplina, como também enriquece a aula do professor.

Por isso é imprescindível aos gestores escolares, professores e coordenadores a participação na construção da proposta pedagógica da sua escola, já que estes são os principais responsáveis por construir ambientes de integração social e cultural e que têm o poder de promover a formação de novos músicos, atores, artistas plásticos e coreógrafos, de maneira que deve ser de conhecimento de todos esses profissionais da educação- Dessa forma, cada escola pode fazer suas mudanças, visando à melhoria do ensino por parte do professor e da aprendizagem por parte do aluno.

Em função da pesquisa bibliográfica realizada, da observação das turmas de 2º e 3º anos do Ensino Fundamental e da análise do questionário com as docentes das turmas observadas foi possível perceber que quando a arte está presente nas práticas pedagógicas, ela ainda é utilizada como aporte metodológico para outras disciplinas.

Outro fator percebível na pesquisa é que a formação acadêmica e cultural das docentes voltadas para a disciplina de arte não é suficientemente ampla, o que limita ou mesmo impossibilita a prática com as linguagens artísticas e a formação do discente, pois, como o professor vai desenvolver a apreciação, a imaginação e a criação nos alunos, se a sua própria formação inicial não lhe permitiu vivenciar a fruição estética? A ausência de políticas culturais voltadas para a escola pesquisada dificulta que os estudantes possam ter uma formação cultural mais ampla. Dessa maneira, esta pesquisa permitiu-me problematizar a quase ausência de atividades voltadas para o desenvolvimento artístico dos estudantes no currículo e nas práticas das docentes da escola investigada.

A arte precisa ser valorizada pela escola como disciplina em si, sem que esta seja auxílio metodológico. Defendendo a arte como uma manifestação humana que gera experiência, essência e apreciação, pois para trabalhar com a disciplina é necessário, a meu ver, conhecimento e planejamento por parte do professor, bem como objetivos claros, conteúdos e métodos que favoreçam a ampliação dos referenciais do aluno. O docente também deve buscar explorar todas as linguagens artísticas em suas aulas, não apenas o desenho e a pintura, como também o teatro, a dança e a música.

De acordo com a perspectiva de Barbosa (2012), a arte promove a percepção e a imaginação. Também desenvolve a capacidade crítica, permitindo aos estudantes que analisem a realidade em que estão inseridos, e que através da criatividade desenvolvam maneiras de mudar a realidade.

Em suma, esta pesquisa buscou identificar como é a ocupação da disciplina de arte no espaço escolar, principalmente se tem sido uma prática significativa para os alunos. Após observações das aulas de arte que ocorreram no período de fevereiro a dezembro de 2018, nas turmas de 2º e 3º

anos, e após a análise dos dados coletados por meio de questionários respondidos pelas professoras, foi possível constatar que o ensino de arte vem sendo trabalhado de forma que não valoriza essa disciplina na escola investigada, pois as práticas pedagógicas nos momentos observados nem sempre estavam desvinculadas à realidade do aluno. Essa situação de não aprofundamento do conhecimento em arte, com atividades descontextualizadas, pode ser explicada por diversos aspectos, principalmente a falta de formação continuada, que deveria ser proporcionada às docentes para que estas desenvolvessem um trabalho prático em sala de aula, em concordância com o que é requerido nos PCNs para o ensino de arte na escola básica.

Por fim, a obrigatoriedade do ensino de arte nas escolas não é suficiente para que essa disciplina seja ministrada com a merecida qualidade, cumprindo, com os objetivos estabelecidos nos PCNs. Depende muito da ação específica do professor para que esse ensino tenha maior legitimidade no contexto escolar. Em outras palavras, é muito importante que o professor de arte receba a devida formação para atuar de modo que os alunos tenham um contato efetivo com a arte na escola e aprendam a identificar os diversos fenômenos artísticos em seu cotidiano e deles apropriar-se. Vale ressaltar que a contextualização do ensino de arte é algo essencial para que o aluno, ao perceber a presença de um dado conteúdo em seu cotidiano, aprenda a valorizar a disciplina de arte não apenas no seu contexto escolar, mas de modo a compreender que essa disciplina também é importante para toda a sua vida.

Sendo assim, confiamos que esta pesquisa possa contribuir para o entendimento sobre qual é o lugar que a arte deve ocupar no campo da Educação no Ensino Fundamental e como a formação cultural dos professores está deficitária nos cursos de formação acadêmica e nas políticas culturais mais amplas. Isso indica a necessidade de repensar a formação inicial e continuada, os currículos do Ensino Fundamental I e as políticas de acesso aos bens culturais, para que a nossa educação básica ganhe qualidade e contemple todos os sujeitos que a compõem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBANO, A. A. Histórias de iniciação na arte. In ORMEZZANO, G. (org.). Educação estética: abordagens e perspectivas. *Em Aberto*, Brasília, v. 1, nº 77, p. 85-95, 2007.

BARBOSA, A. M. *Arte-educação no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. *Inquietações e mudanças no ensino de arte*. São Paulo: Cortez Editora, 2012, p.13- 27.

_____. *John Dewey e o ensino de arte no Brasil*. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

BARBOSA, A. M. & CUNHA, F. (orgs.). *Abordagem triangular no ensino da arte e culturas visuais*. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

BISSOLI, M. & ROCHA, S. A formação cultural do professor: desafios e implicações pedagógicas. *Educação em Perspectiva*, Viçosa, v. 5, nº 1, p. 118-134, 2014. Disponível em: <https://educacaoem perspectiva.ufv.br/index.pp/ppgeufv/article/view/510> Acesso em 26 de novembro de 2018.

BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em 28/11/2018.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 5.692/71*. Brasília, MEC, 1971.

_____. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96*. Brasília: Editora do Brasil, 1996.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte*. Volume 6. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *Porque Arte-Educação?* Campinas, SP: Papirus, 1991.

FUSARI, M. F & FERRAZ M. L. *Arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Metodologia do ensino da arte*. São Paulo: Editora Cortez, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. *Organização e Gestão da Escola: teoria e prática*. Goiânia: Alternativa, 2001.

PORCHER, Louis. *Educação Artística: Luxo ou Necessidade?* 6. ed. – São Paulo: Summus, 1982.

ZAMBONI, Silvio. *A Pesquisa em Arte: Um Paralelo entre Arte e Ciência*. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

ANEXO- QUESTIONÁRIO DESTINADO ÀS PROFESSORAS

Caro (a) Professor (a),

O presente questionário destina-se á coleta de dados para o Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Pedagogia da Universalidade Federal do Rio de Janeiro, cujo objetivo é fazer uma reflexão sobre a arte-educação no Brasil a partir do olhar docente. Todos os seus dados são confidenciais. Sendo assim, sua identidade não será revelada publicamente em hipótese alguma e somente os pesquisadores envolvidos neste estudo terão acesso a estas informações que serão utilizadas para fins de pesquisa. Por isso não há necessidade de colocar o seu nome. O sigilo das informações aqui contidas será assegurado.

Desde já agradeço a sua valiosa colaboração.

Dados de Identificação:

Cidade: UF:___ Idade:___ anos Sexo: () masculino () feminino

Em relação a sua formação acadêmica, você cursou:

- A) () Pedagogia
- B) () Licenciatura em _____
- C) () Curso de especialização em _____
- D) () Outro _____

Há quantos anos você leciona nesta escola? _____

1- Qual o seu propósito de se ensinar arte?

2 - Você tem condições favoráveis de espaço e materiais para o desenvolvimento de suas aulas? Na escola em que trabalha, há alguma sala específica para a disciplina de arte? Se há, como é este espaço? Considera que seja adequado?

3 - Você considera importante a inserção da disciplina de arte no currículo da Educação Básica? Por quê?

4 - Você encontra alguma dificuldade ao lecionar a disciplina de arte no ensino fundamental? Se encontra, cite qual/quais.

5 - A escola em que trabalha investe em algum tipo de capacitação para a área de conhecimento em arte?

- () Sim
- () Não
- () Às vezes